



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

NARRATIVAS MÍTICAS E PAISAGENS SONORAS: INCURSÕES NO MUNDO MÁGICO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO¹

Renata Nogueira da Silva
Universidade de Brasília (Mestranda)
rerenogueira@yahoo.com.br

1. Relatos poético-míticos

Há muito tempo atrás a imagem de uma santa formosa, de pele límpida, braços abertos e manto azul insurgiu das profundezas das águas para socorrer os negros (escravizados) das adversidades e truculências geradas pelo sistema escravista. Essa história que geralmente é contada e cantada como *causos* acontecidos em tempos antigos expressa de forma poética a complexidade e a diversidade das relações sociais que constituem o que chamamos de Brasil e privilegia vozes, temporalidades e cosmologias que foram colocadas às margens dos discursos oficiais. Tendo em vista a potencialidade analítica desses relatos pretendo no decorrer deste trabalho fazer uma reflexão sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário nas cidades mineiras de Ituiutaba e Uberlândia tomando como referência as narrativas míticas e as paisagens sonoras em suas manifestações ritualísticas. Entretanto, como antropóloga que arquiteta suas ficções por meio da interpretação de cantigas, mitos e milagres ressalto que meu empreendimento não antagoniza história concebida como verdade e ficção como falsidade. Parto do princípio de que a própria ideia de *reconstituição de um passado* é um exercício ficcional, já que esta reconstituição se dá em grande medida por meio de alegorias e metáforas.

As cantigas e as versões do mito de Nossa Senhora do Rosário selecionadas como objetos dessa reflexão são concebidas como textos culturais que não só narram acontecimentos significativos para os praticantes da congada como também podem potencialmente iluminar a compreensão das dinâmicas sociais nas quais a festa se inscreve. É por isso, que trago à baila duas versões da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário nos termos congadeiros².

¹ Este trabalho é uma releitura de discussões apresentadas na dissertação *Festa do Rosário: Encruzilhada de Significados* defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG.

² O termo congadeiro é utilizado para referir-se genericamente aos praticantes da congada, independentemente de sua filiação a algum terno. Já o termo moçambiqueiro é usado para distinguir o congadeiro que pertence ao terno de Moçambique. Minhas reflexões são baseadas em pesquisa de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Versão 1: Uberlândia

O terno de Moçambique possui as principais funções dentro da festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. No Domingo, o terno pega as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e leva até a igreja. Logo após hasteia, levanta e desce as bandeiras. Na medida do possível o terno de Moçambique, leva e busca o reinado no Domingo. (...) Todas essas funções o Moçambique recebeu por ter conseguido retirar a santa (Titulada de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida ou ainda Imaculada Conceição como é conhecida em Portugal) da gruta. Os ternos de Congos entoavam cânticos, se ajoelhavam para Nossa Senhora. Quando ela chegava na porta da gruta, os ternos de Congos viravam as costas e saíam cantando e Nossa Senhora retornava para dentro da gruta. Então, veio o terno de Moçambique com um batido diferente, usava sabugos de milho e guizos amarrados nas canelas que dava um batido todo diferente dos demais. Quando Nossa Senhora chegou à porta da gruta os moçambiqueiros se levantaram e saíram de costas, até Nossa Senhora se posicionar fora da gruta. Eles cantavam e posicionava Nossa Senhora à frente do terno que é o Moçambique.

(Ramon Rodrigues, capitão do terno Moçambique de Belém, Uberlândia)

Versão 2: Ituiutaba

*O terno de Congo dentro da festa da congada, ele tem uma função policial. Por que a congada na verdade, simboliza a coroação de um rei Congo. Cada tribo africana, eles tinham um rei, e onde faziam esta coroação. E os ternos de Congo ele faziam todo aquele policiamento de todo esse cortejo que acontecia. Já o terno de Moçambique, dentro da congada ele vem como um terno que ele na verdade, ele faz tipo o cortejo. Ele vai carregar a santa, e vai fazer uma dança, mais coreográfica que a do Congo. O Moçambique, sempre tem aquela função de carregar Nossa Senhora do Rosário, pelo fato de ter sido um terno de Moçambique que retirou a Santa da água e levou até a igreja. Então sempre em todas essas festas de congadas, **sempre é um terno de Moçambique que tem responsabilidade de conduzir Nossa Senhora do Rosário.***

(Francis Luce, Moçambique Camisa Rosa, Ituiutaba)

As versões do mito apresentadas, tal como outras que tive acesso em campo, abrem horizontes para discutir várias questões, mas aqui vou focar basicamente em três dimensões da narrativa: o aparecimento e o resgate de Nossa Senhora do Rosário no período colonial, a predileção da santa pelos negros e as diferenças entre Congos e

campo realizadas em dois ternos de Moçambique: Camisa Rosa (Ituiutaba) e Belém (Uberlândia). Os ternos de Moçambique se caracterizam pela utilizam dos seguintes instrumentos musicais: caixas, patangomes e gungas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Moçambiques. Nas cidades pesquisadas a liturgia dos eventos públicos, bem como a definição de status e tarefas rituais é orientada em grande medida pelo mito de Nossa Senhora do Rosário. Na formação do cortejo, por exemplo, os ternos de Congo posicionam-se à frente, já que estes exercem função de policiamento, e os grupos de Moçambique vão atrás, conduzindo Nossa Senhora do Rosário e o casal de rei e rainha. Os ternos de Congo vão à frente, abrindo caminho para os ternos de Moçambique; os Congos possuem uma dança que se define por movimentos circulares com os tambores e bastões, uma inferência a narrativa mitológica. No mito os grupos de Congo deram as costas para Nossa Senhora do Rosário quando essa saiu da água, e por isso, ela não segue com eles. Os ternos de Moçambique, na narrativa mítica não deram as costas para santa e por isso, geralmente saem dos locais de costas. O conhecimento do mito varia entre os praticantes da congada, assim como o significado da festa e as formas de vivenciá-la. As possibilidades de conceber o mito e vivenciar a festa são inúmeras, entretanto, escolhi nesta oportunidade focar no mito de Nossa Senhora do Rosário. Tal escolha deve-se entre outras coisas à centralidade das narrativas sobre a santa nos discursos dos meus interlocutores.

O aparecimento extraordinário da imagem de Nossa Senhora do Rosário tem sido acionado tanto por congadeiros, quanto por pesquisadores, para explicar a gênese de um conjunto de celebrações rituais que datam do Brasil Colônia popularmente conhecido pelas denominações Congada³, “Festa do Congo”, “Congado” e “Festa de São Benedito e Senhora do Rosário”. Os relatos da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário podem ser concebidos como representações sociais tal como sugerido por Becker (2009) “algo que alguém conta sobre algum aspecto da vida social” (p. 18). Relatos sobre a sociedade, bem como suas interpretações são dispositivos de declarações de fatos aceitáveis e legitimados por públicos específicos. Sendo assim, tanto as narrativas elaboradas pelos congadeiros quanto às ficções dos antropólogos (construídas a partir do que poderíamos chamar de *modelos nativos*) são igualmente representações da congada.

Diversas ficções sobre as práticas congadeiras (Martins, 1997; Silva 1999; Brandão, 1985 e Lima 2003, por exemplo) tratam o aparecimento misterioso da

³ A congada é composta por vários grupos afro-brasileiros: Congo, Marinheiro, Moçambique, Catupé, Vilão, Penacho, Caboclo, entre outros. Mas nas cidades pesquisadas as três últimas denominações não são encontradas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

imagem da Virgem do Rosário como um sistema comunicacional que pode revelar ordenamentos sociais. Cabe destacar que não pretendo indicar a origem [cronologicamente falando] das práticas congadeiras, mas sim compreender como tais práticas ganham sentido contemporaneamente através de uma reinvenção contínua do passado que se dá tanto nos rituais quanto na vida cotidiana dos congadeiros. Os momentos rituais ganham destaque nos estudos sobre esse tema, mas considero importante pontuar que indiretamente o mito opera em outros domínios da vida. Talvez os últimos, mais intimistas e menos performáticos passem despercebidos em análises do extraordinário.

Segundo Leach (1996), ritual e mitologia *representam* uma versão ideal da estrutura social, ou seja, um modelo e não uma fantasia do modo como as pessoas supõem a organização da sua sociedade. Nessa perspectiva os atos rituais são modos de dizer coisas sobre o *status sociais*, isso se evidencia, no caso da congada, quando por exemplo, o capitão Ramon Rodrigues (Versão 1) reafirma pretensos direitos e justifica as funções atuais atribuídas ao terno de Moçambique: conduzir o reinado⁴ e a coroa de Nossa Senhora do Rosário, levantar e descer o mastro, recorrendo ao fato de ter sido esse terno com seu *batido* (ritmo) diferente que conquistou a santa e a retirou do lugar em que ela misteriosamente apareceu. O *batido* típico do Moçambique; cadenciado e compassado é construído com a junção do som dos tambores, gungas e patangomas. Geralmente somam-se a esses instrumentos os bastões de entrechoque, utilizados entre outras coisas nas coreografias, na organização do terno e como instrumento que protege Nossa Senhora do Rosário.

Pode-se dizer que o bastão é um símbolo ritual dinâmico que encerra múltiplos significados, tal qual ocorre com os demais símbolos congadeiros. Os tambores dos moçambiques, por exemplo, não são apenas instrumentos musicais, representam também o altar que Nossa Senhora do Rosário escolheu, os colares de contas - de - lágrimas cruzados indicam a devoção a santa e também evidenciam ações mágicas que visam proteção espiritual. Essa multiplicidade semântica que os símbolos congadeiros catalisam nos conduz a noção de “polissemia” apontada por Turner (2005). Para o autor

⁴ O reinado refere-se à coroação de uma rainha e um rei congo e são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem a presença das guardas e a formação de um Império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimônias que reinterpretam, por meio de performances, as travessias dos negros da África às Américas (Martins, 1997)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

os símbolos rituais estão essencialmente envolvidos com o processo social e por isso, não podem ser analisados numa série temporal em relação a outros eventos. Dessa forma, o significado do bastão e dos demais símbolos congadeiros só pode ser compreendido se levarmos em consideração o contexto, pois é a situação ritual⁵ e as disposições locais que os conferi significados.

Apesar das diferentes configurações que as histórias da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário recebem é possível identificar nas festas das cidades pesquisadas (Ituiutaba e Uberlândia – MG), bem como na literatura sobre o tema (Martins, 1997; Silva, 1999; Brandão, 1985) algumas unidades que persistem, a saber; 1) Nossa Senhora do Rosário aparece num determinado local; 2) Brancos e negros tentam resgatá-la; 3) A santa insiste em retornar ao local do misterioso aparecimento; 4) Os grupos de Congo tentam retirar a santa; 5) Nossa Senhora do Rosário ensaia a saída, mas quando dão-lhe as costas ela desiste; 6) Os negros mais velhos organizados no terno de Moçambique, com sua cantoria e dança cadenciada, não dão as costas para santa e conseguem resgatá-la. Foi no tambor do Moçambique que a santa fez sua morada e de lá não mais saiu.

Esses mitemas (Lévi-Strauss, 1978) se articulam de diferentes maneiras e ganham forma localmente. Daí a diversidade de práticas esparsas em muitos estados brasileiros com a denominação de congada. O que interessa, portanto é identificar como os praticantes da congada significam suas práticas e de que forma articulam a fé em Nossa Senhora do Rosário e outros domínios da vida. Seja como forma de vivenciar o sagrado, seja como ícone de uma identidade afro-brasileira, lazer, ou ainda como catalisador que propicia a elaboração de projetos de incentivo a cultura, a congada é experienciada de diferentes formas; e talvez o adequado seria dizer congadas e não congada, já que as possibilidades de experimentá-la são diversas e não excludentes. Não abordarei detalhadamente esta questão em função da proposta deste trabalho, mas trata-se de um ponto com boas potencialidades analíticas que pretendo desenvolvê-lo.

Segundo Lima (2003), narrativas como as versões do mito de Nossa Senhora do Rosário são recorrentes em todo território americano de colonização ibérica. A autora

⁵ No caso da congada, uma festa híbrida - que envolve práticas do catolicismo popular e das religiosidades afro-brasileiras - os significados dos símbolos são construídos no trânsito entre esses universos geradores da festa. O autor enfatiza a importância do contexto de situação como fator determinante do simbolismo ritual.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cita, por exemplo, a origem do santo patrono em San Miguel Acatán, na Guatemala, a aparição de Nossa Senhora dos Remédios em Cali, Colômbia, e a aparição de Nossa Senhora da Penha em Pilar, interior de Goiás. A autora ressalta que o que unifica todas essas histórias é a condição dos protagonistas que resgatam os santos e as santas, pois em todos os casos são os grupos subalternizados, negros, índios, garimpeiros ou camponeses, os atores principais das narrativas. Na perspectiva de Lima, essas histórias são emblemáticas do catolicismo ibérico disseminado e apropriado pelos vários grupos populacionais que a colonização americana fez interagir, os indígenas nativos e os africanos, ambos sob o domínio do europeu cristão” (: 78).

De acordo com as duas narrativas apresentadas pode-se dizer que mito fundador da congada opera simultaneamente para unificar e diferenciar os ternos. Na congada diferença e harmonia, fissão e junção, se engendram reciprocamente, pois o mito enfatiza de um lado as diferenças entre os ternos, aquelas que os tornam únicos e que se expressam, entre outras coisas na forma peculiar com que cada grupo combina, por exemplo; instrumentos musicais, *batidas* (ritmos), cores, expressões corporais, formas de louvações a determinado santo, ancestral ou entidade afro-brasileira.

Os relatos da aparição e resgate da imagem de Nossa Senhora do Rosário são marcados por constantes fugas, o que por sua vez, de acordo com Lima cria (2003) “se não uma identidade, pelo menos uma afinidade entre a santa e os escravos, dada, em ambos os casos, pelo desejo, feito fuga, de escapar ao terror do cativo escravidão” (p.73). Direta ou indiretamente essas histórias operam contemporaneamente como mobilizadoras de vínculos (inter e intra terno⁶). Em nome da fé em Nossa Senhora do Rosário os ternos criam redes de amizades que ultrapassam inclusive a esfera da festa, já que freqüentam circuitos semelhantes: festas, bares, praças, igrejas, etc.

As memórias de sofrimento compartilhado chamadas genericamente entre os praticantes da congada de *tempo da escravidão*⁷ oferece um quadro de referência que não só estabelece fronteiras sociais como também reforça os sentimentos de

⁶ Terno é uma categoria nativa utilizada para identificar os diferentes grupos que compõem a congada. Geralmente o terno é composto por parentes consanguíneos ou afins e possui uma combinação de cores específicas, que o distingue perante os demais. Em alguns casos, são essas cores que dão o nome ao terno: Camisa Rosa, Camisa Verde, Azul e Branco etc.

⁷ É importante destacar que a ideia de *tempo da escravidão* é construída e reconstruída constantemente tendo em vista os relatos dos anciãos e mais recentemente livros e internet.



XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pertencimento. A forma como a memória é selecionada e interpretada relaciona-se com os diferentes projetos de congada que entram em disputa em determinado contexto; e assim o presente é validado pelo acionamento seletivo da memória coletiva. Tais lembranças são inscritas e remetidas no tempo presente; o que por sua vez possibilita inúmeras reinterpretações do passado.

2. As interseções das práticas congadeiras traduzidas em versos

Os relatos poéticos⁸ edificados em torno da aparição de Nossa Senhora do Rosário criam imagens compartilhadas segundo as quais os congadeir@s não só interpretam a si próprios e os coletivos sociais que os circundam como também ressignificam suas narrativas do passado fortemente ancoradas no *tempo da escravidão*. Nas cidades pesquisadas o mito de Nossa Senhora do Rosário não só orienta as práticas congadeiras como também oferece conforto e esperança nos momentos de adversidades. A santa, chamada carinhosamente pelos congadeir@s como *Virgem do Rosário* ou ainda *Mamãe do Rosário*, é evocada em diversas situações da vida cotidiana dos praticantes da congada: auxílio nos momentos de dificuldade, em situações de desemprego, problemas de saúde e nos leitos de morte. A santa e seu rosário são venerados e saudados nas cantigas e orações dos congadeir@s demonstrando assim o quão íntima é a relação que o fiel estabelece a Santa protetora⁹.

⁸ Recorrentemente a congada é representada nas narrativas antropológicas como uma manifestação cultural afro-brasileira que dramatiza relações conflituosas construídas na diáspora africana. Neste tipo de perspectiva a congada é geralmente concebida como uma festa híbrida, que entrelaça práticas do catolicismo popular (louvores a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) e das religiosidades afro-brasileiras (coroação de reis negros). Nas cidades pesquisadas a congada organiza-se no interior das irmandades religiosas e em função de um mito fundador que envolve a aparição de uma santa no período da escravidão, tal como já mencionei anteriormente

⁹ Optei por uma análise mais apurada da relação entre os congadeiros e Nossa Senhora do Rosário em função da ênfase que a Virgem do Rosário recebeu nos relatos durante a pesquisa de campo. Entretanto, a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Isso fica evidente na ladainha cantada durante os terços de preparação para festa em que santa é associada a uma flor, a mais bela entre todas diga-se de passagem:

Virgem do Rosário sois rosa mímosa!

Entre as outras flores sois a mais formosa! (Ladainha cantada durante os terços)

A santa também é acionada nos discursos cantados que incentivam a união dos ternos, já que os desentendimentos são recorrentes. Nas situações de conflito e tensão a santa é evocada e sua alegria e satisfação relaciona-se a convivência entre os ternos:

Coro: Demanda e rixa não pode existir

Solo: A união dos ternos faz mamãe do rosário sorrir

Coro: A união dos ternos faz mamãe do rosário sorrir.

(Cantiga do Moçambique de Belém)

Essa modalidade de linguagem mediada pela música no caso da congada é usada pelos congadeir@s como instrumento privilegiado de comunicação, pois eventos importantes como história de fundação do terno, narrativas da escravidão são contados ao som das gungas, caixas e patangomes. Ao longo da pesquisa notei que a combinação de determinados instrumentos musicais, vestimentas, adereços e disposição espacial atuam na construção das identidades do terno (Silva 2007). As músicas (aqui pensadas como letras e ritmos) são aprendidas por meio da fala, do toque, do olhar e principalmente pela convivência no grupo. Internalizam-se os ritmos, pois estes são socializados através de técnicas corporais e aprendem-se as letras das músicas por meio da repetição e pelo partilhamento do seu significado.

As técnicas corporais são para Mauss (1974) “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (p.211). Na concepção do autor o corpo é uma construção simbólica e cultural e toda sociedade utiliza-se de formas para marcar o corpo de seus membros. Nessa perspectiva o corpo é concebido como o instrumento primeiro e o mais natural objeto técnico do homem onde são inscritas as tradições da sociedade. No caso da congada pode-se

fé em São Benedito também poderia gerar boas discussões.



XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

verificar as marcas rituais que os ternos inscrevem nos corpos de seus membros na dança encurvada e cadenciada dos moçambiqueiros, semelhante à postura dos preto-velhos; na destreza dos congadeiros ao desempenharem a coreografia com os tambores e a dança do trança-fitas. A decodificação compartilhada das expressões corporais inculcada no interior dos ternos cria um espaço físico e simbólico de partilha de práticas e saberes congadeiros produzida nos encontros periódicos entre os ternos¹⁰.

O levantamento dos mastros é um dos momentos rituais privilegiados de confraternização entre os ternos: anfitriões e visitantes, congadeiros e moçambiqueiros cantam e dançam juntos; um dos raros momentos que isso ocorre. Segundo Martins (1997) o levantamento dos mastros trata-se de “um ato litúrgico que galvaniza forças telúricas, dos vivos, dos mortos, de seus descendentes, firmando o terreiro para o bom andamento dos festejos”. (pp. 87-88). Neste sentido, passado, presente e futuro; céu e terra se interconectam no hasteamento das bandeiras de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; momento esse em que os bastões dos moçambiqueiros, muitas vezes repletos de patuás, rosários e ervas colorem o cenário e ganham destaque pela posição central que ocupam na performance ritual (Turner, 1974). E esse vai-e-vem de coisas, pessoas e crenças também se expressa nas cantigas, que, diga-se de passagem, têm papel fundamental na dinâmica da festa e são concebidas como províncias de sentido através das quais os ternos se comunicam, expressam suas identidades e narram conflitos.

Paz entre irmãos

São Benedito ta

Chamando

Vim aqui rezar

Siricôco Moçambiqueiro

Que acabou de chegar

E a gunga ta maiando

Vi aqui para rezar

Lembra do Xeta e do

Nego Anta

¹⁰ Pode-se dizer que congada de uma cidade é composta pela soma dos ternos locais e dos visitantes das cidades próximas, além das pessoas que vão sem vínculo com terno. Forma-se uma rede de amizades e visitas que podem ou não ser marcada pela reciprocidade nas visitas. As amizades entre os ternos e as cidades não se materializa apenas pelas visitas, há uma série de ações, como por exemplo, o compartilhamento de músicas e danças que simbolizam tais afinidades. A reciprocidade da visita é apenas um aspecto de uma teia de relações sociais construídas no âmbito da congada. É possível encontrar dois tipos de retribuições de visitas nas festas: uma que se dá de forma coletiva por meio do terno inteiro com apresentações e outra que ocorre através do capitão, quando este se desloca para as festas e representa seu terno graças a sua autoridade e prestígio.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

*Vamos todos Saravá.
E órum, saravá
Rezo para São Benedito
Irmão com irmão não pode brigar.*

(Marcos A. Silva, Moçambique de Belém)

Ancestrais e santos são reverenciados como exemplos a serem seguidos e acionados como intermediários entre o órum (céu) e o ayé (terra). No caso da cantiga *Paz entre irmãos*, por exemplo, São Benedito, o santo católico, é venerado com a expressão *Saravá*, uma saudação bastante difundida na umbanda e no candomblé e que quer dizer *salve*. Estar entre duas ou mais coisas, como é o caso da congada, não implica escolher entre uma ou outra; pois não se trata de dicotomias, mas sim de interações e fluxos. Este é justamente o sentido da noção de *encruzilhada*, expressão comum entre meus interlocutores e que melhor caracteriza e define a congada; um rompimento de fronteiras e uma intensificação de experiências fronteiriças que se dão entre lugares, pessoas, coisas, vivos, mortos e ancestrais. Nas palavras de Martins encontramos a seguinte reflexão:

O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados. A *encruzilhada*, lócus tangencial é aqui assinalada como instância simbólica de metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. (...) Operadora de linguagens e discursos, a *encruzilhada*, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signíca, diversificada e, portanto de sentidos. (Martins, 1993, p.28)

Tendo a natureza móvel e deslizando em se assentam as práticas congadeiras apresento a seguir três versões de uma cantiga de Moçambique que se organizam a partir da combinação das seguintes idéias: memória de uma terra de origem [África pensada como um território imaginado] recordação de uma viagem [África e Brasil] e proteção divina do rosário seja ela oferecida por Nossa Senhora, São Benedito e Yemanjá:

Versão 1



XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Encerramento do Congresso das Tradições Afro-Brasileiras (Uberlândia)

*Solo: Oh, quando eu vim da **minha terra**.*

Coro: Aruê

*Solo: Com o **rosário de Maria***

Coro: Aruê

*Solo: Atravessei as **matas de Angola***

Coro: Aruê

*Solo: **Para festejar mãe yemanjá***

Coro: Aruê

Versão 2

Chegada do terno na ocasião de uma visita

*Oh, quando eu vim da **minha terra**.*

Coro: Aruê

*Solo: Com o **rosário de Maria***

Coro: Aruê

*Solo: Atravessei as **matas de Angola***

Coro: Aruê

*Solo: **Para visitar, vossa morada**.*

Coro: Aruê

Versão 3

Apresentação pública

Coro: Aruê

*Solo: **Eh, quando eu vim da minha terra**.*

Coro: Aruê

*Solo: **Até hoje ainda me lembro***

Coro: Aruê.

*Solo: **São Benedito me deu um rosário***

Coro: Aruê

*Solo: **Para poder vim festejar***

(Versões de cantigas do Moçambique de Belém, Uberlândia)

É importante ressaltar que nas três versões da cantiga o rosário oferecido ora por São Benedito, ora por Nossa Senhora do Rosário é apropriado pelos negros como instrumento de proteção na travessia. Segundo Leda Martins (1997) “os africanos transplantados à força para as Américas, através da Diáspora negra, tiveram seu corpo e seu *corpus* desterritorializados”. (p. 24), e por isso, precisaram reterritorializar suas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

práticas e reelaborar seus saberes em terras estrangeiras. Neste cenário as expressões *minha terra* e *Angola*, tal como apresentadas nas letras acima podem ser interpretadas como uma espécie de *território imaginado* de onde os africanos escravizados supostamente saíram um dia e migraram para outros mundos. Numa travessia marcada por sofrimentos e imponderáveis o rosário é então acionado como um instrumento mágico de proteção. A viagem (África/Brasil, pensados como territórios imaginados) se expressa em muitas narrativas (nativas e antropológicas) por meio de aventuras na água e no mato; e em tais situações de risco e perigo a necessidade de uma proteção divina se impõe.

Não só as aflições da travessia são cantadas, mas também aquelas que abrolharam no Brasil em decorrência do sistema escravista. A partir da construção genérica do tempo do *cativo*, os congadeiros fazem uma espécie de *canto denuncia* das truculências do passado:

Hé, quando eu lembro do cativo,

Aruê

Onde só trabalhava e ainda apanhava,

Aruê

Vivia em busca de um sonho,

Aruê

O sonho da liberdade

Aruê

Hé, que cena triste esta que te conto.

A do negro apanhando amarrado no tronco

Olelê, ê, ê gemia e chorava.

O negro sofrendo seu próprio calvário

Chamava a Deus e a mamãe do Rosário

Olelê, ê é a mamãe do Rosário.

Por isso que conto o que aconteceu

Para ninguém esquecer o que o negro sofreu

Olelê, ê, ê o que o negro sofreu.

(Francis Luce, Moçambique Camisa Rosa de Ituiutaba)

Determinados aspectos do que poderíamos chamar de *imaginário congadeiro* são colocados em relevo e dramaticamente narrados nas cantigas. E assim eventos críticos, nos termos de Veena Das (1995) são constantemente ressignificados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Experiências traumáticas como o *cativeiro*¹¹ são ativadas de diferentes formas na produção e reprodução dos referenciais de identificação. O cativeiro é neste sentido, uma metáfora para falar de desigualdade, dor e tristeza; é também uma forma ratificar o sofrimento dos negros. Essa ideia genérica do tempo do cativeiro acrescida da fé em Nossa Senhora Rosário possibilita que os congadeiros atualizem a saga de seus santos devocionais e de seus ancestrais, aqueles que lutaram pela festa e são considerados referências para os mais novos.

Os significados e sentidos atribuídos às histórias de Nossa Senhora do Rosário expressos nas cantigas, bem como nos mitos e nas orações, são constantemente renovados e atualizados pelos congadeiros. Atualmente estou pesquisando de que forma a festa de Nossa Senhora do Rosário (por meio da Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário) tem se apropriado dos projetos (locais e federais) de incentivo a cultura. Acredito que as relações entre a festa e as políticas de patrimonialização criam novos sentidos para congada, bem como amplia sua área de atuação e visibilidade.

Referência bibliográfica

BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRANDÃO, Carlos. *A festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro: FUNART/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

DAS, VEENA. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1995

LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Ed. UnB, 2003.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória. O Reinado do Rosário no Jatobá*.

¹¹ Sobre a recorrência da noção de *cativeiro* entre as classes populares no Brasil ver, entre outros, Velho (1987).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

São Paulo, Belo Horizonte/Mazza: Perspectiva, 1997.

MAUSS, M. O Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

SILVA, José Carlos Gomes da. Negros em Uberlândia e a Construção da Congada. Um Estudo sobre Ritual e Segregação Urbana. (Relatório FAPEMIG) - Uberlândia, 1999.

SILVA, Renata Nogueira da. *Festa do Rosário: Encruzilhada de Significados*. Goiânia. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, 2007

TURNER, V. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974

VELHO, Otávio. O cativo da besta-fera. *Religião e Sociedade*, v. 14. 1987